

Você gostaria de inscrever esse trabalho para o Prêmio de Literatura do CBCE? (Deixar essa informação apenas no arquivo sem autoria): Sim Não

Este trabalho corresponde a Relato de Experiência? (Deixar essa informação apenas no arquivo sem autoria): Sim Não

OS JOGOS OLÍMPICOS DE 1936 NA ALEMANHA NAZISTA COMO ESTRATÉGIA PROPAGANDÍSTICA GOVERNAMENTAL

Marcelo de Farias Teixeira, IFNMG,

marcellofat@bol.com.br

Cinthia Lopes da Silva, UNIMEP,

cinthialsilva@uol.com.br

Ana Carolina Capellini Rigoni, UFES,

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, como estratégia propagandística na disseminação do regime nazista. As análises visualizaram as ações do Estado alemão e os contextos nos quais a propaganda se desenvolveu. Foi realizada pesquisa qualitativa, de tipo bibliográfica. De certa forma, os nazistas alcançaram seus objetivos, tanto na organização como no resultado, liderando o quadro de medalhas dos Jogos.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes 1; Cultura 2; Propaganda 3.

INTRODUÇÃO

As Olimpíadas de 1936 em Berlim representaram um verdadeiro marco na história esportiva mundial, tanto no que diz respeito a utilização do esporte para fins de propaganda político-ideológica, quanto na capacidade de organização, cobertura midiática do evento e preparação dos corpos do povo alemão para a guerra. A obsessão pelo suposto pertencimento à raça ariana que sugere um corpo perfeito, belo e saudável – bastante presente na ideologia nazista – remete ao imaginário de que a sociedade da nova Alemanha, que surge após a

Primeira Guerra Mundial, deve ser um produto deste corpo. Segundo a teoria foucaultiana do poder disciplinar:

O momento histórico das disciplinas é momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (FOUCAULT, 1987, p.127)

De fato, o corpo jamais estivera em tamanha evidência como no regime nazista. A avaliação que se faz é de que corpos fortes, saudáveis e obedientes seriam úteis aos interesses do regime nazista. O esporte e, posteriormente, os Jogos Olímpicos de 1936, que teria como sede a Alemanha, pareciam a conjuntura ideal para colocar em prática a disseminação do ideal nazista. Sendo assim, a partir deste cenário, tendo como exemplo os Jogos Olímpicos de 1936 e as ações do Estado nazista, buscou-se analisar os contextos que produziram a propaganda, como ela se desenvolvia e o quanto ela influenciou na ideologia nazista do “corpo perfeito”.

MÉTODO

Utilizou-se de pesquisa qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica em livros e periódicos de sociologia, antropologia, história, esportes, lazer e política. Buscou-se analisar o cenário específico dos Jogos de 1936, mas, também, com base nele, refletir sobre os modos como a propaganda tem disciplinado os corpos ao longo da história e ocupado papel central na disseminação de ideologias.

RESULTADOS

Os jogos eram usados como preparação militar e por que não dizer, uma simulação de combate em uma verdadeira guerra eufemizada; em tempo, os esportes de combate como o boxe e o pancrácio (espécie de vale tudo) já faziam parte da educação pública dos jovens gregos. Na Alemanha do século XVIII, no então Império Prussiano, alguns aspectos sociais se alinhavam a certa influência cultural grega.

O Pedagogo Jahr vira na Educação Física um meio de preparação militar para enfrentamento com a França napoleônica. Chegara mesmo a fundar sociedades de ginástica, antecipando-se à iniciativa imperial prussiana de introduzir a Educação Física nas escolas, isso em 1842. Jahr recomendara a seleção de uma raça vigorosa e pura, o

banimento do uso de línguas estrangeiras e a inspiração no ideal grego de cultura e civilização (LENHARO, 1986, p.12).

Outro fato inédito e que também merece destaque se refere ao fogo olímpico que pela primeira vez saíra da cidade de Olympia (cidade grega onde nascera os jogos) conduzida em cortejo com destino à Berlim em revezamento de cerca de 3 mil atletas. Como aponta Mostaro (2012): “Pela primeira vez a tocha saiu da Grécia e foi para o país sede, em uma tentativa clara de demonstrar que os ideais gregos de civilização estavam se transferindo para o povo alemão” (p. 6).

Segundo Elias (1952), o desporto reproduz (ainda que a violência explícita não se faça presente) as linhas político-ideológicas por meio do processo de civilização dos costumes da sociedade em que está inserido. “Os campeonatos internacionais substituiriam a guerra real, produzindo para um grande número de pessoas no mundo globalizado guerras eufemizadas e sem mortes” (ELIAS e DUNNING, 1998, apud GLEYSE, 2007). Neste sentido é provável que os atletas germânicos, incorporados deste sentimento nacionalista, deveriam demonstrar todo seu esforço, compromisso e disciplina para com a pátria alemã; eles tinham que ser os melhores, em detrimento dos não arianos, buscando um alinhamento com a teoria de supremacia da raça ariana, que tinha como meta a busca obcecada pela vitória, numa “guerra eufemizada”, mas que posteriormente seria bem real e custaria a vida de milhares de pessoas.

O sentimento de nacionalismo extremo é muito bem retratado por Hitler (2005, p.12): “Deve ser uma honra maior ser um varredor de rua em sua pátria do que rei em país estrangeiro. O cidadão alemão é privilegiado em relação ao estrangeiro. Essa honra excepcional também implica em deveres [...]. A busca insana pela “pureza da raça” quando se fala, por exemplo, em esterilização de deficientes (Lei de Nuremberg) e até mesmo a solução final no caso dos judeus, nos remete ao ideário do biopoder (que atua como um complemento e coadjuvante do poder disciplinar), pois conforme Foucault (1987, 54), “o que inseriu o racismo nos mecanismos do Estado foi à emergência do biopoder”.

Todo este cenário induz aos ideais da supremacia de um corpo criado para atender aos anseios político-ideológicos de uma nação que fora destruída e severamente punida pelas imposições do Tratado de Versailles, após a Primeira Guerra Mundial.

Para Gleyse, (2006, p.4), “A partir do momento em que a linguagem se tornou autônoma do substrato corporal, transformou-se em um sistema, de alguma maneira imortal,

que dita a um sistema mortal – o corpo – suas prescrições”. Dessa forma, o corpo ariano forte, saudável e belo, deveria se avultar sobre os demais e cumprir com êxito o principal objetivo para o qual fora “fabricado”: vencer. A vitória era essencial, pois seria uma prova irrefutável da supremacia deste corpo.

No ano da Olimpíada (1936) essa instituição passa a controlar o monopólio de estruturas, materiais e instalações esportivas para crianças abaixo e acima de 14 anos, o que, de certa forma, coagia ao ingresso de um maior número de membros para a referida entidade que procurava se equipar de inúmeras vantagens para atrair os jovens alemães. Já próximo à década de 1940, a Juventude Hitlerista contava com aproximadamente 8 milhões de jovens, e a segunda guerra já tivera seu início em 1939, com a invasão da Polônia pelas tropas nazistas. Estava pronto o seu exército, ou, pelo menos, boa parte dele, que brevemente estaria nos *fronts* de batalha lutando ao seu lado.

Quando chegou ao poder em 1933, Joseph Goebbels logo assumiu o Ministério da Propaganda no governo de Hitler e rapidamente obteve o controle de toda a imprensa, instituições de arte e informação. A partir daí a Alemanha vivenciaria uma verdadeira avalanche propagandística político ideológica e, de certa forma, até mesmo invasiva, tal qual era sua abrangência. O veículo de informação mais usado, com o objetivo de atingir as massas, sem dúvida foi o rádio. Os discursos feitos por Hitler – o qual possuía um notável dom oratório – quando eram transmitidos em Berlim, faziam parte de um verdadeiro ritual, que por vezes perdurava horas a fio prendendo a total atenção das massas que pareciam estar em estado hipnótico e de encantamento originário de alguma magia.

É evidente que tanto Goebbels quanto Hitler entreviram o discurso como uma forma eficaz de poder sobre as massas, tanto que se apropriaram de técnicas para usá-lo com maior propriedade e eficiência não só durante a escalada para o alcance deste poder, mas também para que ele fosse mantido em suas mãos. Hitler destacara que a propaganda deveria ser de fácil compreensão devido à inteligência limitada das massas, desta forma não poderia perder-se em abstrações, mas focar em algo bastante concreto e, para tanto, era necessário ser específico. Isso poderia certamente resultar em um claro entendimento e consenso de todo um povo sobre as ideias e valores difundidos pelo regime.

Com a liderança da Alemanha no quadro geral de medalhas e, certamente em seu imaginário, teria, dessa forma, comprovado empiricamente a supremacia racial reivindicada pelo nazismo. Entretanto, trata-se de uma situação que requer uma análise contextual na qual

os grandes investimentos na preparação e todo o suporte oferecido aos atletas germânicos provavelmente foram decisivos para o feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões elaboradas, é possível perceber que o regime nazista utilizou as Olimpíadas de 1936 como estratégia de divulgação de sua ideologia ao mundo. Estratégia esta que foi muito bem elaborada, situada em um ambiente de nacionalismo exacerbado em uma Alemanha que renascia economicamente e militarmente após o fracasso na Primeira Guerra Mundial. A propaganda, neste sentido, ajudou veementemente na disseminação da ideologia racista, centrada em um imaginário de corpo perfeito, de uma suposta pureza e supremacia racial ariana, tendo como influência os ideais grego-espartanos de civilização e também se apoiando em alguns teóricos e cientistas que escreveram sobre a temática. Entretanto, um americano e negro (Jesse Owens) ao vencer 4 provas no atletismo – considerada a modalidade mais clássica e que deu origem aos Jogos – colocou em xeque toda a prepotente teoria Hitlerista, mostrando ao mundo que seu corpo negro, considerado como raça inferior, poderia vencer o corpo ariano supremo nazista.

Ao observar os mecanismos de funcionamento da propaganda ao longo do tempo, é possível constatar o modo como esta vem disciplinando os corpos, ocupando um papel decisivo na disseminação ideológica de padrões corporais. Neste sentido, se a reflexão sobre a propaganda nos Jogos Olímpicos de 1936 nos remete a uma data e um contexto histórico específico, seus modos de funcionamento nos permitem refletir sobre a propaganda nos dias atuais. Podemos e devemos nos questionar sobre as semelhanças e diferenças no modo de propagar, bem como nos ideais que fundamentaram a propaganda nazista e que fundamentam as ideologias contemporâneas. Além das ideologias racistas, que resistem até hoje, presenciamos um comportamento de culto ao corpo sem precedentes na história. É fato que na contemporaneidade os aspectos de saúde e qualidade de vida estão diretamente ligados aos estéticos, no entanto, assistimos diariamente a um verdadeiro ataque de *marketing* e *merchandising* associando o corpo “em forma” a diversos produtos e serviços da indústria estética (mercado do corpo) que não estão acessíveis à população de baixa renda.

A mensagem midiática alcança os sujeitos de uma maneira mais veloz, permitindo a elaboração de contrapontos e novas reflexões que, talvez, não fossem tão prováveis numa

época anterior, onde éramos reféns do rádio, da televisão e do jornal impresso. Se, por um lado, o desenvolvimento tecnológico pode nos oprimir através da disseminação de ideologias corporais, por outro lado, a velocidade e acessibilidade da informação nos permite questionar os ideais propagados.

TITLE IN ENGLISH

ABSTRACT

The objective of the article is to analyze the 1936 Olympic Games in Berlin as a propaganda strategy in the spread of the Nazi regime. The analyzes visualized the actions of the German State and the contexts in which the propaganda developed. Qualitative research was carried out, of a bibliographic type. In a way, the Nazis achieved their goals, both in organization and result, leading the medals table of the Games.

KEYWORDS: Sports 1; Culture 2; Marketing 3.

LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE 1936 EN ALEMANIA NAZISTA COMO ESTRATEGIA PROPAGANDÍSTICA GUBERNAMENTAL

RESUMEN

El objetivo del artículo es analizar los Juegos Olímpicos de 1936 en Berlín como estrategia propagandística en la diseminación del régimen nazi. Los análisis visualizaron las acciones del Estado alemán y los contextos en los que la propaganda se desarrolló. Se realizó una investigación cualitativa, de tipo bibliográfica. De cierta forma, los nazis logran sus objetivos, tanto en la organización como en el resultado, liderando el cuadro de medallas de los juegos.

PALABRAS CLAVES: Desportes 1; cultura 2; propaganda 3.

REFERÊNCIAS

FOUCALT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GLEYSE, J. *A carne e o verbo*. In: SOARES, C. L. Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação. Campinas: Autores associados, 2007.

HITLER, A. *Mein Kampf*. Trad. Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2005.

LENHARO, A. *Nazismo: “O Triunfo da Vontade”*. São Paulo: Ática, 1986.

MOSTARO, F. F. R. *Jogos Olímpicos de Berlim: o uso do esporte para fins nada esportivos*. Logos: Comunicação e Universidade, Rio de Janeiro, v.19, n.1, pp. 95-108, 2012. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/3283>>. Acesso em: 02 abr. 2017.